

O AMOR E A SOLIDÃO NA CONSTRUÇÃO DAS SENSIBILIDADES NO TEMPO PRESENTE (1990-2008)

Robson Arruda de Araújo-
Graduando em História -Bolsista

PIBIC/IC/UEPB

Joedna Reis de Menezes (Orientadora)

PALVRAS CHAVES: AMOR – SOLIDÃO - AFETO.

Era cerca de cinco horas e vinte quatro minutos da tarde, Teka depois de esquentar algo para tomar, caminha compassadamente em direção a seu computador. Seu quarto, antes meio sombreado, agora é iluminado pela luz um tanto irradiante do monitor recentemente ativado.

Nossa personagem inicia alguns gestos que muitas pessoas do nosso tempo têm se acostumado a fazê-lo, conecta-se à internet.

Com o indicador do *mouse* tremulante, Teka opta por declarar-se solteira. Entra no *msn*, indica que está ocupada, exclui a fotografia onde ela e Tiago aparecem juntos, em substituição a esta, escolhe um outro retrato onde ela aparece na frente de um computador sozinha. Por ultimo, em uma escolha um tanto hesitante, descarta as fotos e os vídeos que lembrem ou presentifiquem sua relação com seu ex-namorado. Opera dessa forma, gestos de declarações de si e operações de esquecimento diante do vasto espaço da cibercultura. Promove fugas em um espaço que se convencionou nos últimos anos a servir para brasileiros de vários recantos do país como uma espécie de espelho, espedaçando-se e sendo reinventado diariamente, Teka constrói conjecturas de si, passeia por entre as vias e avenidas tortuosas da internet. Adentra em um espaço onde poderia dialogar com uma multidão anônima, referenciadas apenas por seus *nikes* ou apelidos, que ao mesmo tempo torna esses indivíduos nomeáveis e situáveis (mesmo que temporariamente) além de os protegerem de um eu que não é desejável ou mesmo permissível situa-lo, pois a solidão através do silêncio e do isolamento ressoa como um recurso de preservação da individualidade. Um eu que talvez inexista, ao passo que a efemeridade desses tempos não permita a formação de um lugar seguro para fixação do mesmo.

O site Orkut, onde Teka confessa-se solteira, é no Brasil e em varias partes do mundo, um espaço de exercício de encontros e desencontros, onde é permitido revelar intimidades, não tão intimas assim, já que é constante o processo de esfacelamento da dicotomia privado - público, como mostra-nos o *big brother* e outros reality shows, cada vez mais presentes na mídia e na vida dos sujeitos dessa pós-modernidade “liquidificadora” que se encontra em emergência a pelo menos duas décadas. Tal site é o emblema de um indivíduo que tem espaços reservados para

dizer, a si e aos outros, o que imagina ou entende ser, existe um perfil a ser preenchido, onde as respostas tentam resolver o problema da falta de referência de si nessa era do vazio, das identidades líquidas e da vida ditada por um efêmero que desnorteia. Mas o mesmo sistema que possibilita criar respostas seguras, e fixas, promove também a possibilidade de invenção de si, o Orkut como muitos outros sites de relacionamentos, são fragmentos em branco, onde os solitários homens contemporâneos ao mesmo tempo pintam e juntam cada fragmento, num movimento cíclico, já que tais tintas têm tempo e prazo de validade, e esses fragmentos nunca conseguem ser colados permanentemente, dessa forma ao digitar nosso novo nome, ao por nossas novas fotos, ou mesmo apagar os recados indesejáveis na página de recados, é recriada uma nova individualidade, resultado de um processo que ao mesmo tempo é reflexo de elaborações pessoais imbricada à anseios do outro, um outro que nunca é anulado, apesar de seu entendimento ser redimensionado de acordo com as curvas que o tempo faz. Esse outro não é anulado em nenhuma relação social, já que: “sem a gravidade do outro, a humanidade desconhece sua existência. Magia singular dos projetos da vida e dos sonhos, a *otredad* ameaça narciso, tão presente nas vitrines deslumbrantes da contemporaneidade.”. Em nossa sociedade o outro é algoz e herói, necessário, mas sob o olhar atento das câmeras, dos perfis do Orkut, ou qualquer instrumento que possa ser utilizado para vigilância de si e desse outro que tanto nos desorienta, mas nunca desaparece.

Em seu quarto, na presença de alguns aparelhos eletrônicos, como o celular e o computador, Teka reivindica para si o direito quase cristalizado de permanecer solitária. Mesmo que essa solidão signifique a falta de alguém ao seu lado, ao mesmo tempo em que é acompanhada por uma multidão anônima, desconhecida, e ausente no que diz respeito à presença física. Trata-se aqui de pensarmos um novo significado para o termo “estar junto”, pois no momento em que os meios de comunicação arquitetam novas possibilidades de comunicação, tais meios são banalizados à medida que o mercado e sobretudo o consumo necessitam, percebe-se assim, que o contato físico já não é sinônimo de comunicação, nem o distanciamento físico anula a possibilidade de comunicação com o outro.

Teka é personagem do curta-metragem “Terminais”, uma produção independente, filmado em maio de 2006 na cidade de Campinas-SP, dirigido por Juliano Prado e Marcos Luporini. Mesmo um filme com características de ficção, através de Teka e Tiago (o ex-namorado de Teka) esta película apresenta alguns fragmentos das novas formas de exercício dos afetos na contemporaneidade, seja o amor, a solidão, ou mesmo a interação entre estes dois sentimentos.

Estes personagens vivem algumas das experiências que vêm marcando o cotidiano brasileiro na contemporaneidade. Uma das quais é sentida pela experiência ligada ao avanço vertiginoso da tecnologia, estando presente desde os mais escondidos até os mais povoados e visualizados espaços; da sala ao quarto; do escritório de trabalho à praça pública; da cidade ao sítio, seja onde for, o processo de tecnologização das sociedades contemporâneas, vêm, de maneira cada vez mais voraz, avançando, inserindo-se nas relações sociais, interferindo e dando possibilidade de serem organizadas novas formas de exercício de sensibilidades.

Questões relativas ao consumismo, individualismo, propagação dos meios de comunicação, fragmentação das identidades, relação do homem com as novas técnicas e com a máquina, possibilitaram a emergência de outros modos de vida em grupo, é a partir da consolidação de tais aspectos que foram inauguradas novas maneiras de exercitar, de sentir, e de registrar o amor e a solidão no tempo presente. Da mesma maneira que se transformou a representação dos corpos, mudou também a configuração das relações humanas, tanto se tratando da construção de novos modelos de sociabilidades, como na arquitetura dos afetos contemporâneos.

Vive-se hoje uma revolução dos meios de comunicações, que afetam diretamente os comportamentos, os costumes, as linguagens, os modos de ser e estar no mundo das pessoas que são inseridas neste processo. Dentre os meios de comunicação que mais abalaram a vida dos homens e mulheres, entre a última década do século XX e início do século XXI, podemos anunciar a Internet. A difusão deste veículo de comunicação, não só redimensiona noções clássicas de tempo, espaço e identidade, mas a partir dos territórios possibilitados pela Internet, o próprio relacionamento com o outro se modifica, um espaço de todos e de ninguém, onde os horizontes do virtual destronam o reino da exatidão, o que impera nesse momento é uma grandiosa incógnita.

Tanto na casa de Teka, quanto no quarto de Tiago, estão presentes alguns dos instrumentos mais comuns e banais de nossos dias, nesse momento passa a ser inimaginável viver sem tais instrumentos, pois os computadores, televisores e celulares não apenas fazem parte do dia-a-dia contemporâneo, mas já pertencem aos nossos corpos de maneira quase que inseparável, apresentam-se como espécies de órgãos descartáveis, mas não menos vitais. Homem e máquina dialogam numa dinâmica incessante, onde as fronteiras que divide cada território não são percebidas com facilidade.

É no cinema que encontramos uma das linguagens que mais pode representar esse homem em devir- corpo- máquina. Os filmes de ficção científica que desde a

década de 1970 estão cada vez mais presentes nos cinemas brasileiros, produzem e revelam a expectativa de um tempo onde os avanços da tecnologia nuclear, da robótica e da cibernética mobilizam sentimentos de deslumbramentos, anseios e medos. Tais filmes representam ao mesmo tempo um indivíduo que se volta para pensar nos rumos de um destino incerto, e por outro lado, que ver seus corpos transitarem entre o natural e o artificial, do silicone aos anticoncepcionais o corpo tornou-se o lugar de desejos de perfeição, objeto de modelação, uma metamorfose planejada que encontra mercado e consumidor certo, no momento em que o culto de si do narciso pós-moderno é o emblema de uma sociedade do indivíduo.

Nos últimos anos alguns sociólogos e filósofos têm refletido sobre esse efeito de virtualização do corpo, conceito inclusive utilizado pelo filósofo Pierre Levy, que no livro “O que é o virtual?” dedica um capítulo ao debate desse efeito que tanto presentifica-se na contemporaneidade. Para Levy alguns mecanismos tecnológicos, e artefatos contemporâneos redimensionaram nossa relação de interioridade e exterioridade, houve toda uma mudança nas relações entre o eu e o outro, os mecanismos tecnológicos fizeram inventar novas superfícies corporais, tais mecanismos de virtualização revelam novos corpos, formas, superfícies, é uma reviravolta na percepção de nós mesmos e dos nossos próprios corpos.

Nesse processo de virtualização, a projeção do corpo é geralmente associada à noção de telepresença, conforme explica Pierre Levy, sendo ela sempre mais que simples projeção da imagem de si, um bom exemplo disso é o telefone que “separa a voz do corpo tangível e a transmite à distância. Meu corpo tangível está aqui, meu corpo sonoro desdobrado, está aqui e lá.”.

O corpo virtualizado é esse corpo que está sempre em processo de reinvenção, é um corpo que se situa em alguns momentos no plano do individual, em outros no plano do coletivo, um corpo que pode ser de todos ou de ninguém. Não há padrões classificatórios que justifiquem um lugar seguro para este corpo.

“Da socialização das funções cromáticas ao controle dos afetos ou do humor pela bioquímica industrial, nossa vida física e psíquica passa cada vez mais por uma “exterioridade” complicada na qual se misturam circuitos econômicos, institucionais e tecnocientíficos. (...) A virtualização dos corpos que experimentamos hoje é uma nova etapa na aventura da autocriação que sustenta nossa espécie”.

Às vezes temos quando olhamos ao nosso redor e vemos-nos em meio a um quarto cheio de objetos que nos deveria satisfazer, mas que já perdemos até mesmo

a noção da sua utilidade, cheio de artifícios de última geração, cada um com sua função específica. Esse quarto solitário que nós habitamos, também não é solitário por exclusão da família. A solidão que é teatralizada nos dias atuais é uma solidão por opção, quase que inevitável, ou até mesmo necessária, o quarto de lugar da consolidação da individualidade em meio à família, passa a ser o refúgio último de um individualismo em seu estado máximo, quarto cujas portas que para representarem segurança da individualidade têm que permanecer trancadas.

O drama da existência em família, e a decadência do projeto de uma família burguesa, perfeita e inexorável, é talvez uma das conseqüências mais alarmantes do individualismo contemporâneo. O amor e a solidão em família são temas de discursos de vários homens e mulheres em nossos dias, Maria em 02 de maio de 2007 narra suas experiências e conseqüentes frustrações:

“sou casada a 18 anos tenho filhos, um marido lindo e maravilhoso, mas tenho um grande problema nunca to feliz com nada, a solidão de uma certa forma faz parte da minha vida, me sinto bem quando estou sozinha no meu mundo onde só existe eu. até remédio pra depressão ja tomei mas não adiantou. tomem cuidado com esse lance de solidão pode ser muito sério.”

Segundo a historiadora Mary Del Priore, as últimas décadas do século XX inauguram um movimento que redimensiona a trindade: amor, casamento e sexualidade. Nesse momento a sexualidade passa a ser obrigatória em termos de relacionamentos, o casamento passa a ser fundado não mais no amor, o divórcio passa a ser aceito socialmente, e os cônjuges passaram a ser tratados de maneira igual do ponto de vista judicial. “A relação pessoal coloca-se acima de tudo: recusamos a frustração e a culpa.”. A própria família seria abalada nesse processo, já que a hegemonia do indivíduo tornou-se reinante perante a família.

Nesses territórios em mudança, as mulheres sentem-se ainda mais abaladas com tal processo, pois neste momento sentem-se divididas entre o tradicional lugar ocupado de “rainha do lar”, e a possibilidade de trabalhar.

Maria assim como muitas mulheres, pode dizer-se solitária, mesmo casada. Mas não seria o casamento, o amor, ou a sexualidade bem sucedida que proporcionaria a exclusão da solidão, pois o conceito de solidão passa a não ser entendido para muitos como o outro do amor, já que a solidão tornou-se condição mínima da existência do indivíduo em sociedade, mesmo que o indivíduo não esteja em permanente isolamento, André Conte Sponville em sua análise sobre o amor e a solidão

mostra-nos que o amor não é o contrario da solidão “é solidão compartilhada, habitada, iluminada pela solidão do outro.”.

Paul Auster, autor de “A invenção da solidão”, livro onde seu autor se debruça nos labirintos da memória, esforçando-se em narrar como ele via seu pai, além de relembrar as expectativas frustradas de um filho correndo em alcance de um pai que nunca estava lá, e mesmo quando passavam muito tempo juntos, era a solidão que acompanhava seu pai, pois ele só via seu filho através da névoa de sua solidão. O mundo para ele, disse Auster, “era um lugar distante (...) um lugar onde nunca conseguiu de fato entrar”. Auster observa que seu pai durante os dezoito anos de casamento, nunca deixou de ser solteiro, pois ele era um solitário:

“Solitário. Mas não no sentido de estar sozinho. Solitário não do jeito de Thoreu, por exemplo, que se exilou para descobrir onde estava (...) Solitário no sentido de recolhimento. No sentido de não ter que ver a si mesmo, de não ter que ver a si mesmo sendo visto por outra pessoa.”.

Nesses labirintos das solidões e dos amores perdidos e reencontrados que se encerram parcela considerável dos relacionamentos amorosos e paralelamente solitários no tempo presente, há uma espécie de dialética da solidão, dialética que é debulhada por Octavio Paz, este autor mexicano diz que o homem é o único ser que se sente só e é o único que é a busca do outro, o homem é a nostalgia desta missão em busca do outro, sente-se carência do outro, o homem sente-se a própria solidão.

O ensaísta e poeta mexicano ainda anuncia que estamos condenados a solidão, a viver sozinhos e diz que o homem reúne todos seus esforços para abolir a solidão. “Assim, sentir-se só possui um duplo significado: por um lado consiste em ter consciência de si; por outro no desejo de sair de si”. Ao falar do amor Otavio Paz diz que tal sentimento não é um ato natural, é uma criação humana é “Alguma coisa que fizemos, que fazemos todos os dias e que todos os dias desfazemos”.

Paz em seu ensaio do inicio da década 1950, diferentemente de Sponville, não viu no momento da escrita de “Labirintos da Solidão” as mudanças que sofreriam os relacionamentos afetivos nas décadas seguintes, mas já havia percebido algumas das transformações na concepção da relação entre amor e solidão que mais tarde alcançaria em múltiplas proporções boa parte da sociedade ocidental, com tais mudanças possibilitaria a análise de teóricos como o próprio Sponville.

Zygmunt Bauman, na obra “Amor Líquido”, vai analisar os impactos que os relacionamentos afetivos sofreram nessa pós-modernidade líquida, líquida demais para suportarmos um relacionamento cuja perspectiva ainda situa-se a partir de um modelo estruturador. Um paradoxo que temos que encarar, pois não anulamos a perspectiva de um amor romantizado, mas por outro lado estamos muito ligados a possibilidade de viver os prazeres em toda sua efemeridade. Bauman percebe que o amor também se insere na lógica do consumismo, onde não se pode pecar mais por falta, mas sofre-se pelo excesso. Há para esse sociólogo um terrível dilema que se apodera dos sujeitos na contemporaneidade no que diz respeito aos relacionamentos afetivos, dilema situado na relação entre o amor e o desejo. Em resumo, o desejo é essa vontade de consumir, é um impulso de destruição, onde o outro seria um objeto a aniquilar, a ser usado para manutenção deste hedonismo sintomático. O amor por outro lado, é a vontade de cuidar, proteção, não aniquila o outro, em vez disso preserva-o, em poucas palavras: “Se o desejo quer consumir, o amor quer possuir (...) se o desejo se autodestrói, o amor se autoperpetua.”.

Bauman encerra essa comparação entre desejo e amor dizendo:

“Desejo e amor encontram-se em campos opostos. O amor é uma rede lançada sobre a eternidade, o desejo é um estratagema para livrar-se da faina de tecer redes. Fiéis a natureza, o amor se empenharia em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria aos grilhões do amor.”.

Na década de 1990 emerge o termo “ficar”, que surgiria a partir da lógica do amor em poucas palavras, do amor que se volta para o prazer, e não para aqueles laços de juras eternas do amor romântico. Uma verdadeira inauguração do “que seja eterno enquanto dure”, e esse durar é do tamanho do prazer que é proporcionado e consequentemente sentido. Há a partir desse momento a possibilidade de “ficar” com muitos na mesma noite, sem ao menos precisar saber o nome do outro, que por minutos fora amado.

A noite seria o emblema dessa nova forma de exercitar o amor e a solidão, é à noite que os amantes solitários saem em direção a uma enxurrada de possíveis aventuras e experiências, principalmente nas grandes cidades cujas inovações tecnológicas promoveram uma nova estética visual ornamentando as vias e ruas com grandes placas fluorescentes e anúncios das mais diversificadas espécies. São as boates, bares e casas de shows os espaços que uma multidão anônima se encontram para compartilhar essa imensa sensação de solidão, mas também são espaços de

enunciação desse amor efêmero, ditado pelo prazer. A noite é o momento em que os sujeitos, enfadados de seu cotidiano, consomem oportunidades inusitadas, num motel barato com um companheiro desconhecido, ou em casa na inquietação de dias que se tornaram normais conforme observa Icarus,

como todas as outras noites...

nada de diferente...

a mesma inquietação...

a mesma pessoa sentada no sofá da sala...

os mesmo pensamentos...as mesmas duvidas...os mesmos desesperos...

as mesmas lágrimas...

NORMAL...como todas as outras noites!

Mas essa solidão noturna pode ser constatada como experiência vantajosa, melhor inclusive que sentir-se só em meio a amigos, ou entre desconhecidos, o depoimento de Luana parece-nos revelador nesse sentido.

“Solidão a noite até que é bom, pois você pode repensar sua vida, todas as suas atitudes, sem ninguém te perturbar... A pior solidão que existe é quando você está cheio de amigos ao redor e se sente só. Dessa é a que eu mais soffro...”

O anoitecer é o momento onde se finda o trabalho e inicia a possibilidade de diversão. Mas também pode ser um momento de escolha, entre sair de casa, em busca de novas experiências, encontrar amigos, ou ir em busca de outra forma de prazer, mas sob a pena de se arriscar, de perder a inestimável solidão tão duramente cultivada, ou até perceber como diz Luana, que os amigos, ou em outros casos, que o prazer e essas novas experiências não suprimiam a solidão.

Um outro caminho é ficar em casa, na segurança do seu quarto, isolado, com todos os objetos eletrônicos a sua disposição para suprir a carência do outro, com uma música tocando baixinho no recanto do quarto, e conversando com um outro alguém no *msn*, mas sob a possível pena de se lamentar pela falta da presença de uma outra pessoa.

Parece, diante dessas questões, que o sujeito na contemporaneidade quer tudo, quer amar, quer ser solitário, quer ter liberdade, autonomia, mas sofrem no momento em que se percebe limitado frente ao amplo universo de coisas, sentimentos, sensações, metas, a serem conquistadas. Nem o amor, muito menos a solidão, de

maneira exclusiva, ocupa o lugar de uma satisfação inexorável. Estamos fadados a viver com o dilema de podermos comprar quase tudo, mais poder digerir muito pouco.

Desta maneira, o amor e a solidão são sentimentos que cortam como navalhas nosso cotidiano, sobretudo no momento em que os relacionamentos afetivos apresentam-se inseridos na dinâmica do consumismo. Uma dinâmica que não falha pela falta, mas pelo peso dos excessos, a variedade e a multiplicidade de possibilidades encandeiam quem vai ao mercado dos afetos.